

Saúde
333
Reportagem 0010

Saúde
333
Reportagem 0011

RIO

Saúde
333
Reportagem 0012

Um hospital que agoniza

Antônio Pedro, em Niterói, enfrenta crise, com falta de remédios e leitos fechados

Edgar Arruda

O Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap), de Niterói, enfrenta uma crise que pode ser a pior de sua história: faltam medicamentos e insumos básicos; até a semana passada, tomografias e ultrassonografias não podiam ser realizadas; e o estoque de kits para exames de sangue era suficiente apenas para uma semana. Como consequência, os atendimentos e internações caíram pela metade e há casos graves, como os de pacientes com câncer, que correm o risco de ter interrompido o tratamento que lhes garante a sobrevivência.

A situação cria dificuldades para os médicos, que se vêem obrigados a dispensar pacientes. Na quimioterapia, a situação é dramática, segundo a professora Mônica Kopschitz Praxedes, responsável pelo serviço:

— Na quinta-feira, atendi 12 pacientes e não havia medicamento para ninguém. Como vou explicar isso para o doente? A interrupção do tratamento pode levar à morte.

Há um mês os médicos residentes decidiram parar até que houvesse condições mínimas de atendimento. O Huap ganhou então um reforço orçamentário de R\$ 1,1 milhão para a compra de insumos básicos e de peças para o tomógrafo.

— O ano inteiro convivemos com doentes internados cujas famílias precisam comprar remédios. Os médicos arriscam a vida do paciente e podem sofrer um processo ético — diz o presidente da Associação de Médicos Residentes do Huap, Fernando Gomes Silva.

O diretor do Huap, o médico Francisco Luiz Gonzaga, há 37 anos no hospital, reconhece que a crise é uma das mais graves que a unidade já enfrentou, mas acredita na recuperação. Segundo ele, a raiz dos problemas é a forma de financiamento, proveniente de repasses de verbas do Sistema Único de Saúde (SUS), que remunera o hospital conforme os atendimentos realizados. De acordo com o diretor, as dívidas se acumularam e a tabela do SUS sofreu uma enorme defasagem.

— O hospital sempre viveu em agonia. A situação no momento é crítica, mas não é a pior. Recebemos o hospital, em janeiro, com uma dívida contábil de R\$ 4,3 milhões e estoques quase a zero. Para poder comprar o material que faltava, precisávamos de crédito.

O secretário do Desenvolvimento do Ensino Superior, José Luiz Valente, no entanto, considera injusto culpar apenas o sistema de repasse do SUS:

— Jogar para cima as dificuldades de gestão é uma justificativa simplista. O Governo reconhece que há problemas na tabela do SUS. Tanto é que a está mudando. Mas muitos hospitais universitários estão fazendo um trabalho exemplar com o sistema de hoje.

Taxa de ocupação dos 364 leitos caiu pela metade

• O diretor do Huap conta que, ao assumir, a primeira providência foi renegociar as dívidas — atualmente de R\$ 1,7 milhão — e aumentar o número de atendimentos para fazer crescer a receita junto ao SUS. Não funcionou. O preço do custo hospitalar é muito maior do que o reembolso do Ministério da Saúde e o mal crônico, a falta de recursos, se agravou. Até julho, as internações e os atendimentos vinham numa curva ascendente, mas a falta de recursos para materiais básicos como gaze e fios de sutura, determinou uma mudança radical:

— Praticamente suspendemos as cirurgias eletivas e nossa taxa de ocupação caiu para a metade dos 364 leitos — diz Gonzaga.

De acordo com o chefe de serviço de Clínica Médica, professor José Luiz Rosati, o atendimento ao público está comprometido.

— É a pior crise que enfrentamos. Chegamos ao ponto de faltar remédios e não poderemos ter exames complementares. Nosso serviço está reduzido a 50% da capacidade.

Os poucos recursos que chegaram ao Antônio Pedro não animam quem trabalha lá. As verbas dão apenas uma sobrevida a um hospital que já foi referência em várias especialidades. Segundo a associação de residentes, no centro cirúrgico apenas três salas funcionam e em situação precária.

— Às vezes, não conseguimos fazer exames simples para nos ajudar a diagnosticar casos de emergência — diz um médico do setor.

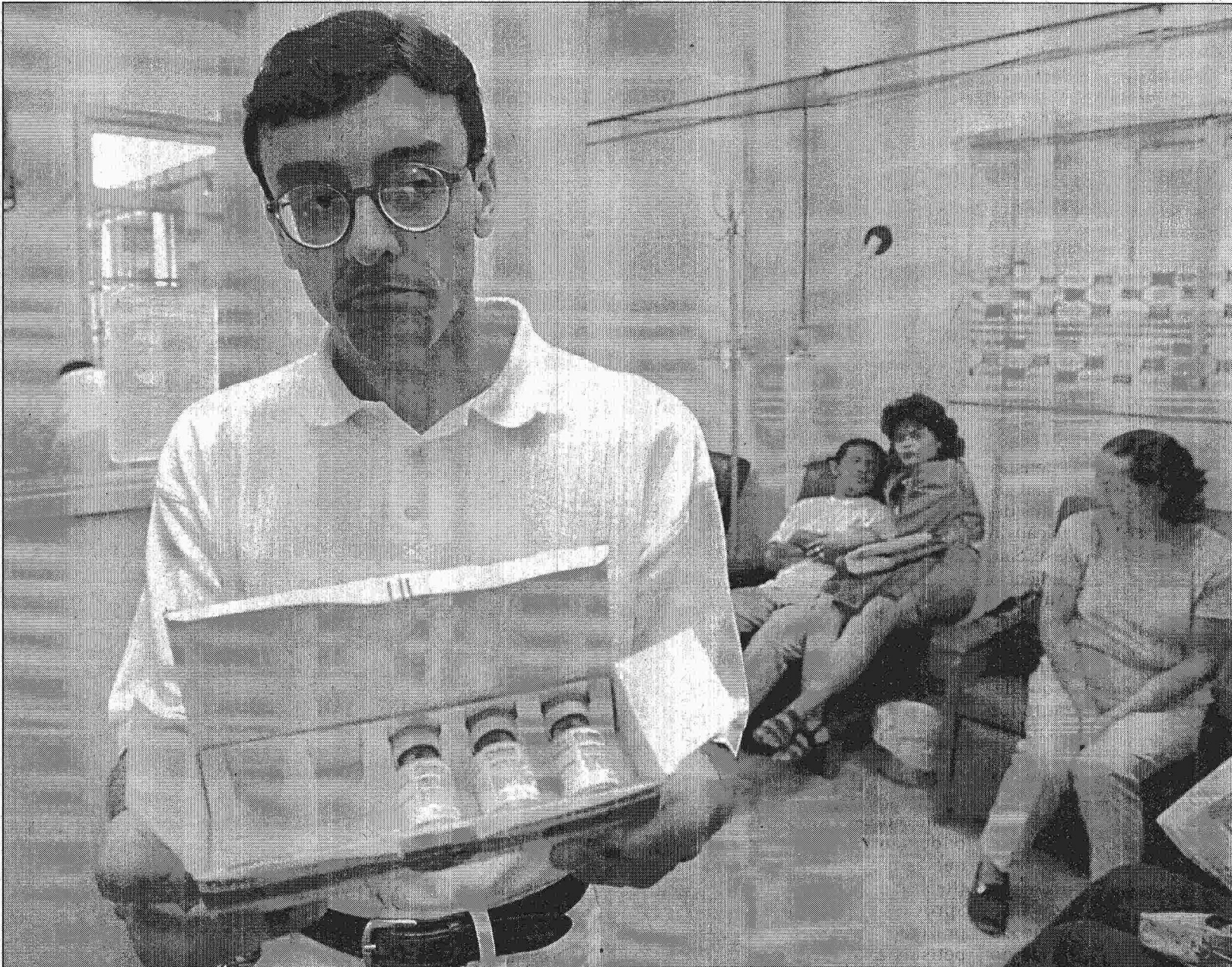
Apesar dos problemas, o diretor do hospital aposta em melhorias para o ano que vem, com maiores investimentos nos serviços.

— Se não fosse a equipe que trabalha aqui, o hospital já teria fechado. Mas acredito que vamos encontrar soluções.

O problema, em muitos casos, é que o tempo não joga a favor dos pacientes e a interrupção sistemática de alguns tratamentos pode ser fatal para doentes graves.

— As promessas são de que, no ano que vem as coisas vão melhorar. Mas, até lá, quem vai dizer aos pacientes que o remédio acabou? — indaga a médica Mônica Praxedes. ■

COLABOROU Catia Seabra (Brasília).



O ENFERMEIRO JORGE Luís Cardoso, da quimioterapia, mostra os únicos frascos em estoque de um remédio usado no tratamento dos pacientes com câncer